



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Departamento de Filosofia
Programa de Pós-Graduação



PROJETO DE PESQUISA

de Dr. Guilherme Marconi Germer

Projeto de Pesquisa para submissão ao Processo Seletivo para ingresso no Programa Nacional de Pós-Doutorado – PNPd/CAPES, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo (USP)

16 de novembro de 2016

São Paulo/SP

O DESMASCARAMENTO ÉTICO E PSICOLÓGICO DO SER HUMANO, DE PAUL RÉE.

Supervisora: Profa. Dra. Maria Lucia M. e O. Cacciola

Candidato: Dr. Guilherme Marconi Germer

Resumo: Dona de textos paradigmáticos como *Psychologische Beobachtungen* (*Observações Psicológicas*, 1875) e *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen* (*A Origem dos Sentimentos Morais*, 1877), a obra de Paul Réé (1849-1901) foi descrita por Nietzsche como “de boa mira (...) cortante e penetrante”¹. Além disso, Nietzsche afirma que o segundo desses livros foi erigido sobre um “método tão radicalmente novo e rigoroso que provavelmente significará uma transformação decisiva na história da filosofia moral”², vale dizer, o genealógico e empírico. Ante considerações como essas, acreditamos ser uma grave lacuna o fato dos estudos sobre a moral e a psicologia de Réé serem ainda escassos no Brasil. Com o fim de suprir essa carência, nos propomos a traduzir e comentar as contribuições “desmascaradoras” e antimetafísicas que esse autor oferece a ambos os campos, e em ambos os textos. Caso essa investigação possa ser desenvolvida, esperamos revelar uma compreensão mais profunda dos respectivos temas desses livros; a saber, (1) a consciência do “predomínio de motivos ocultos nas ações humanas e da hipocrisia da maioria das pretensões de virtude moral”³ (*Observações Psicológicas*) – valendo-nos das palavras de R. Small. E (2) o conhecimento de que o “homem moral não se encontra mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico”⁴ (*A Origem dos Sentimentos Morais*).

Palavras-chave: Ética, Genealogia, Pessimismo, Ateísmo, ‘Escola de Schopenhauer’.

¹ NIETZSCHE, F.. *Menschliches, Allzumenschliches I*. In: NIETZSCHE, F.. *Sämtliche Werk. Kritische Studienausgabe (KSA)*. Org.:

² NIETZSCHE, F.. *Epistolario 1875-1879*. Trad.: C. Colli Staude. Milão. 1976. Carta n. 580 a E. Schmeitzner, Sorrento, 18 de dezembro 1876, p. 188. Apud FAZIO, D.. *Paul Réé – Un Profilo Filosofico*. Bari: Palomar Athenaeum. 2003. P. 82. Salvo que haja outra referência, todas as traduções para o português aqui apresentadas serão de nossa autoria.

³ SMALL, R.. Translator’s Introduction. In: RÉE, P.. *Basic Writings (International Nietzsche Studies)*. Trad. e Org.: SMALL, R.. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press. Kindle Edition. 2003. Kindle Location 245.

⁴ RÉE, P.. *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen*. Chemnitz: Verlag Von Ernst Schmeitzner, 1877. Disponível em: <http://books.google.com/>. p. VII-VIII. Apud NIETZSCHE, F... *Menschliches, Allzumenschliches I*. Urheberrechtsfreie Ausgabe. Kindle Edition. Kindle Locations 592-593. Disponível em <http://www.amazon.de/Menschliches-Allzumenschliches-Friedrich-Wilhelm-Nietzsche-ebook/dp/B004SIZONM>.

ETHICAL AND PSYCHOLOGICAL “UNMASKING” OF HUMAN, BY PAUL REE.

Responsible researcher: Dra. Maria Lucia de M. e O. Cacciola

Candidate: Dr. Guilherme Marconi Germer

Abstract: Owner of paradigmatic texts such as *Psychologische Beobachtungen* (*Psychological Observations*, 1875) and *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen* (*The Origin of Moral Sentiments*, 1877), the work of Paul Rée (1849-1901) was described by Nietzsche as having "good aim (...) cutting and penetrating"⁵. Moreover, Nietzsche says that these texts were erected on a "method so radically new and rigorous that will probably mean a decisive change in the history of moral philosophy"⁶ (that is, the genealogical and the empirical method). In front of those considerations, we believe it is a serious shortcoming fact that academic studies on Ree's moral and psychology are still scarce in Brazil. In order to contribute to the elimination of this deficiency, we propose to analyze and interpret the “unmasking” and “antimetaphysical” contributions this author offered to both fields, as they are exposed in *Psychological Observations* and *The Origin of Moral Sentiments*. If this research can be developed, we hope to deep the understanding of the respective themes of these books; namely, (1) the consciousness of the "predominance of ulterior motives in human actions and hypocrisy of most claims of moral virtue"⁷ (*Psychological Observations*) – based on the worlds of R. Small. And (2) the fact that "the moral man is not closer to the intelligible world than the physical man"⁸ (*The Origin of Moral Sentiments*).

Keywords: Ethics, Genealogy, Pessimism, Atheism, 'School of Schopenhauer'.

⁵ NIETZSCHE, F.. Op. Cit.. 1999. P. 36 e 37.

⁶ NIETZSCHE, F.. Op. Cit.. 1976. P. 188. Apud FAZIO, D.. Op. Cit.. 2003. P. 82.

⁷ SMALL, R.. Translator's Introduction. In: RÉE, P.. *Basic Writings (International Nietzsche Studies)*. Trad. e Org.: SMALL, R.. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press. Kindle Edition. 2003. Kindle Location 245.

⁸ RÉE, P.. Op. Cit.. 1877. P. 7-8. Apud NIETZSCHE, F... *Menschliches, Allzumenschliches I*. Urheberrechtsfreie Ausgabe. Kindle Locations 592-593. Kindle Edition. Disponível em <http://www.amazon.de/Menschliches-Allzumenschliches-Friedrich-Wilhelm-Nietzsche-ebook/dp/B004SIZ0NM>.

I. Enunciado do Problema

Esse projeto se candidata à contribuição à autocompreensão ética e psicológica do ser humano por meio de uma tradução, análise e comentário de *Psychologische Beobachtungen (Observações Psicológicas, 1875)* e *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen (A Origem dos Sentimentos Morais, 1877)*, de Paul Rée. Que a Ética e a Psicologia sejam duas ciências fundamentais do espírito e responsáveis pelo desmascaramento do agir humano já havia sido defendido por Schopenhauer, para quem ambas encerram a doutrina universal dos motivos, cujo conteúdo é extraído das relações fenomênicas conforme a *lei da motivação*. Segundo o filósofo, a lei da motivação é uma especificidade da lei de causalidade, que por sua vez, consiste em uma modalidade do princípio de razão suficiente, cuja fórmula geral é a seguinte: “Nada é sem uma razão pela que é”⁹. De acordo com o pensador, o princípio de razão se ramifica, entre outras raízes, na *lei de causalidade*, que na natureza, aparece sob três formas distintas, vale dizer, como *causa (Ursache)* no sentido mais estrito possível, como estímulo (*Reiz*), e como motivo (*Motiv*). Com as seguintes palavras o autor apresenta essa última distinção:

A *causa* em seu sentido mais estrito é aquela pela qual se efetuam exclusivamente as transformações no reino *inorgânico* (...) Apenas a ela se aplica a terceira lei fundamental newtoniana: ‘Ação e reação são iguais uma à outra’ (...)

A segunda forma da causalidade é o *estímulo*: ela domina a vida orgânica enquanto tal, logo, a das plantas e a da parte vegetativa, e por isso, inconsciente da vida animal (...) Essa segunda forma se caracteriza pela ausência das características da primeira. Portanto, aqui, ação e reação não são iguais uma à outra (...)

A terceira forma de causalidade é o *motivo*: sob ela a causalidade rege a vida propriamente animal, portanto, o *agir*, isto é, as ações externas efetuadas com consciência de todos os seres animais. O meio dos motivos é o *conhecimento*: a susceptibilidade para eles exige consequentemente um intelecto (...) O tipo de efetivação de um motivo é evidentemente diferente do de uma excitação: a saber, a ação dele pode ser bem curta, sequer precisa ser mais do que momentânea; pois a sua eficiência não possui, como a da excitação, qualquer relação com sua duração, com a proximidade dos objetos e com outras coisas semelhantes. O motivo precisa apenas ser percebido para agir, enquanto que a excitação necessita sempre do contato, de uma certa duração, e às vezes inclusive da intussuscepção (absorção no interior)¹⁰.

Schopenhauer entende que, “em toda decisão (*Entschluss*) percebida, seja dos outros, seja de nós mesmos, sempre estamos autorizados a perguntar ‘por quê’? Isto é, pressupomos como necessário que algo preceda a decisão, da qual essa se segue, e a qual denominamos como sua razão (*Grund*), ou mais exatamente, como seu motivo (*Motiv*)”¹¹. Uma resolução humana ou animal não decorrente de um motivo seria “tão impensável como o movimento de um corpo inorgânico sem impulso ou tração”¹². Sendo assim, o motivo compõe a lei de causalidade, como sua terceira submodalidade. Por meio da causa (*Ursache*), estímulo (*Reiz*) e

⁹ SCHOPENHAUER, A.. Über die Vierfache Wurzel des Satzes vom Zureichenden Grunde. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band III*. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986. Doravante abreviado por SG, p. 15.

¹⁰ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 62-3.

¹¹ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 172.

¹² SCHOPENHAUER, A.. Ibidem.

motivo (*Motiv*) – ensina o autor – a lei de causalidade realiza transformações no mundo fenomênico, corpóreo e intuitivo, transformações que são sempre o resultado da confluência de um dos três fatores externos anteriores e uma força natural, que, como fator interno, empresta a causalidade propriamente dita à causa. Quando as mudanças são percebidas na intuição externa, isto é, a partir do tempo e espaço, o interior da atuação (*Einwirkung*) da força natural a partir da causa permanece para nós um mistério, pois como descreve Schopenhauer: “Vemos, nesse caso, uma causa produzir um efeito com necessidade, mas como ela pode realizá-lo, isto é, o que acontece verdadeiramente no âmago dessa transformação”¹³, não é desvelado pelo caminho da intuição externa. “Observamos os efeitos mecânicos, físicos e químicos, bem como os produzidos por excitação, resultarem de suas respectivas causas”¹⁴ – esclarece ainda mais o autor – e tendemos a atribuir a autoria dos mesmos às “propriedades dos corpos, às forças da natureza, e também à força vital, que, para ser sincero, não passam de ‘*qualitates occultae*’”. No entanto, “não estaríamos em melhores condições de compreender o agir humano, animal”, e de fato, o de toda a natureza, se não possuíssemos um conhecimento especial do interior desse processo, vale dizer, em nossa autoapreensão de nós mesmos como seres volitivos, que realizam efeitos no mundo a partir da confluência dos motivos com a nossa força vital, a vontade. Em outros termos, o filósofo enuncia que uma via de acesso interno às entranhas da produção fenomênica da natureza se abre para nós por nosso agir individual, executado a partir de nosso querer. E uma vez que a participação na interioridade da influência (*Einwirkung*) dos motivos ocorre, justamente, a partir de nosso corpo entendido como objeto imediato do sentido interno, vale dizer, o tempo; e uma vez que esse objeto se subordina à lei da motivação, o pensador conclui que “a motivação é a causalidade vista de dentro”¹⁵, isto é, o caminho de acesso mais imediato à compreensão da essência da causalidade ou mesmo do princípio de razão suficiente.

Conforme Schopenhauer, o objeto imediato da lei da motivação são os estados da vontade, o sujeito do querer ou “tudo o que pode ser abarcado pelo vasto conceito de sentimento (*Gefühl*)”¹⁶. Segundo seu pensamento, os sentimentos se subsumem apenas à forma do tempo e se identificam “milagrosamente” com o sujeito cognoscente, vale dizer, aquele que sempre é pressuposto como o correlato do objeto, que tudo conhece e nunca é conhecido. “Essa identidade entre o sujeito do querer e o sujeito do conhecer, por meio da qual (e necessariamente) a palavra ‘eu’ compreende e designa a ambos, consiste no nó do mundo, e por isso, é algo inexplicável”¹⁷. Por trás dessa identidade, ou mais precisamente, no ponto de encontro da experiência externa com a interna, realizada no nó do mundo, o eu, repousa o que o autor define ser “a pedra angular de toda a sua metafísica”¹⁸ (a qual pretende aproximar-se o máximo possível da coisa em si mesma). É no sujeito do querer –

¹³ SCHOPENHAUER, A.. Ibidem.

¹⁴ SCHOPENHAUER, A.. Ibidem.

¹⁵ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 172-173.

¹⁶ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 171.

¹⁷ SCHOPENHAUER, A.. Ibidem.

¹⁸ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 173.

afirma o pensador – que entrevemos da maneira menos turva possível (dado que apenas dentro da forma do sentido interno, o tempo) o que somos “*toto genere*” distinto de representação, isto é, nossa essência derradeira, imortal, una e livre¹⁹.

De acordo com Schopenhauer, o conteúdo das ciências empíricas consiste nas relações dos fenômenos conforme a lei de causalidade, e uma vez que, como vimos, a lei de motivação é uma modalidade da lei de causalidade, a Ética e a Psicologia são, justamente, as duas ciências responsáveis pelo esclarecimento dos motivos do agir humano e animal (ao passo que a Jurisprudência e a História completam a doutrina dos motivos, do ponto de vista do particular)²⁰. A Ética – afirma o filósofo – assume como o fio condutor de suas descrições e explanações a lei da motivação “conforme seu valor e origem”²¹. Ela consiste no “campo mais sério” da investigação humana, pois “afeta de maneira imediata a cada um de nós e a ninguém pode ser alheio ou indiferente”²². Além disso, como o objeto da Ética é o ser mais complexo da natureza, em termos de autodiscórdia, carência, dor, conhecimento, prazer, possibilidade de autonegação e etc., a saber, o ser humano, ela possui uma primazia também pelo viés objetivo sobre todas as demais ciências. No concernente à Psicologia, o pensador afirma que esse domínio se constitui do “conhecimento colhido de observações das manifestações e peculiaridades (*Eigentümlichkeiten*) do gênero humano, bem como da grande variedade de suas

¹⁹ Schopenhauer afirma, porém, que o intelecto não conhece de uma só vez e de modo inteligível, nosso ser em nós mesmos, mas se aproxima o máximo possível disso por meio de nossas representações internas. A nossa autopercepção intelectual, portanto, a rigor, é empírica e *a posteriori* – escreve o autor. Sendo assim, “quando uma escolha se apresenta, o intelecto não possui dado algum sobre como nossa vontade decidirá” (SCHOPENHAUER, A.. *O Mundo como Vontade e como Representação*, tradução: Jair Barboza, São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 376), e daí lhe parecer que, “num caso dado, fosse igualmente possíveis para a vontade duas decisões opostas”. Contra essa opinião, o autor opõe o seguinte: “Nesse caso se passa como no exemplo da vara posta em posição vertical, em relação à qual, tirada de seu equilíbrio e oscilando de um e outro lado, pudéssemos dizer: ‘ela pode cair para a direita ou para a esquerda’. Ora, o ‘pode’ possui tão-só uma significação subjetiva, e em realidade diz ‘no que tange aos dados conhecidos por nós’. Pois objetivamente a direção da queda já está determinada de um modo necessário, desde o começo da oscilação” (SCHOPENHAUER, A.. *Ibidem*). Desde esse ponto de vista, o filósofo afirma concordar com Kant quando esse escreve que, “caso apenas fossem dados, de maneira completa, o caráter empírico e os motivos, a conduta do homem poderia ser calculada como um eclipse do sol ou da lua” (SCHOPENHAUER, A.. *Idem*, p. 378). Afinal, embora nosso caráter inteligível seja atemporal, e portanto, livres (dado que o tempo é a forma do fenômeno e portanto incabível à coisa em si); nosso caráter empírico – isto é, o fenômeno conhecido no tempo, espaço e causalidade – está subordinado necessariamente à lei de causalidade (na modalidade da lei de motivação) como qualquer outro ente natural. Diferentemente dos fenômenos inorgânicos e vegetais, as ações humanas são produzidas a partir de motivos, que são invisíveis à intuição externa. No entanto, o autor ressalva que a invisibilidade dos motivos não implica ineficiência alguma sobre os efeitos, de modo que defender a liberdade empírica da vontade (a partir dessa invisibilidade), isto é, que somos capazes de ações contrárias nas mesmas circunstâncias, é sucumbir em uma ilusão. Em última instância, o filósofo assevera que o engano da liberdade empírica da vontade repousa no dogmatismo de fincar o nosso ser no tempo, o qual é apenas a forma da representação fenomênica. Além disso, Schopenhauer acrescenta ainda que um terceiro fator reforça o prisma da liberdade empírica da vontade, vale dizer, o fato do homem ser um mestre exímio na arte da ocultação, simulação e falsificação das causas reais de seu agir. Em face disso, Schopenhauer concebe ser de grande importância que a Ética e a Psicologia desmascarem os motivos latentes do agir humano, pois somente assim poderão provar, de modo *a posteriori*, que a nossa conduta está subordinada, *a priori*, universal e necessariamente, à lei da causalidade, como qualquer outro fenômeno natural.

²⁰ SCHOPENHAUER, A.. *Die Welt als Wille und Vorstellung*, Band II. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band II*. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986. Doravante abreviado por *WWV II*. P. 165.

²¹ SCHOPENHAUER, A.. *SG*, p. 186.

²² SCHOPENHAUER, A.. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band I*. Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986. Doravante abreviado por *WWV*. P. 375.

individualidades”²³. A psicologia exige “observações finas, concepções talentosas, e inclusive, a ponderação desde um ponto de vista, por assim dizer, mais elevado, o que só pode ser comestível (*genießbar*) em escritos de espíritos privilegiados como Theophrastos, Montaigne, La Rochefoucauld, Labruyère, Helvétius, Chamfort, Addison, Shaftesbury, Shenstone, Lichtenberg, entre outros”²⁴. Os “fenômenos intelectuais (*intellektuellen*) e éticos são mais importantes do que os físicos”²⁵ – ultima o pensador – pois os segredos últimos e mais fundamentais jazem em nossa própria essência e nos são “acessíveis do modo mais imediato possível”²⁶. Além disso, como há mais sentido em tentar compreender o mediato (isto é, o mundo fenomênico externo) a partir do imediato (ou seja, nós mesmos, como seres volitivos), e não o inverso, é inevitável a conclusão de que “o homem só pode esperar encontrar a chave da resposta ao enigma do mundo dentro de si próprio, e por algum instante, compreender o âmago de todas as coisas. O domínio mais especial da metafísica”²⁷ – conclui Schopenhauer – “se encontra, certamente, ali onde foi denominada por filosofia do espírito (*Geistesphilosophie*)”.

Domenico Fazio ensina que essas últimas definições da Ética e Psicologia, expostas no *Capítulo I – A Filosofia e o seu Método de Parerga e Paralipomena – Tomo II*, de Schopenhauer, não só delinearão todo “o projeto de pesquisa” seguido por Paul Rée em sua produção inaugural, como indicaram “os autores e livros com os quais o discípulo herege se confrontou em seu caminho, e que ora usara como modelo, ora como alvo de polêmica”²⁸. A despeito de não tenha sido o primeiro e mais importante filósofo a se aprofundar em e polemizar contra Schopenhauer, Rée é, sem dúvida, um dos expoentes mais originais da assim chamada “escola de Schopenhauer”²⁹, cuja carência de trabalhos especializados no Brasil oferece uma lacuna a ser preenchida pela

²³ SCHOPENHAUER, A.. Parerga und Paralipomena – Band II. In: SCHOPENHAUER, A.. *Sämtliche Werke – Band V*. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986. Doravante abreviado por *PP II*, p. 28.

²⁴ SCHOPENHAUER, A.. Idem.

²⁵ SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*, p. 232.

²⁶ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 231.

²⁷ SCHOPENHAUER, A.. Idem, p. 232.

²⁸ FAZIO, D.. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée, p. 90. *ethic@* – Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 87 – 98, julho de 2012.

²⁹ O termo “escola de Schopenhauer” foi criado pelo próprio filósofo para identificar os intelectuais que ele cativara em vida e dele se aproximara (F. Dorguth, J. Frauenstädt, E. Lindner, A. Kilzer, D. Asher, C. Bähr, W. Gwinner, C. Weigelt e G. Körber, J. Becker, A. von Doss, M. Emden. Cf. SCHOPENHAUER, A.. *Gesammelte Briefe*. In: HÜBSCHER, A. [Org.]. Bonn: Bouvier, 1987. Carta n. 351, a Adam von Doss, Frankfurt, 10/01/1855, p. 359). Depois de sua morte, essa categoria também foi utilizada pelos historiadores da filosofia para designar os pensadores que, “embora não sendo discípulos diretos de Schopenhauer” – enuncia Fazio – “foram inspirados por várias razões em seu pensamento e o desenvolveram seguindo direções autônomas e às vezes originais” (FAZIO, D.. KOSSLER, M., LÜTKEHAUS, L.. *La Scuola di Schopenhauer: Testi e contesti*. Lecce: Pensa Multimedia, 2009, p. 66). Essa “escola de Schopenhauer em sentido lato” recebeu inúmeras sistematizações ao longo dos tempos, entre as quais se destaca a de Fazio, Kossler e Lütkehaus, que a dividem em *metafísicos* (E. von Hartmann, P. Mainländer e J. Bahnsen), *hereses* (F. Nietzsche, P. Rée, G. Simmel e M. Horkheimer) e *pais fundadores* ou *pais da igreja* (P. Deussen, H. Zint, A. Hübscher e R. Malter). Os *metafísicos*, conforme os autores, são os pensadores que, partindo do seio da filosofia schopenhaueriana, “desenvolveram muitas propostas de modificações da metafísica da Vontade de Schopenhauer e de sua concepção pessimista do mundo” (FAZIO, D.. KOSSLER, M., LÜTKEHAUS, L.. Idem, p. 72). Os *hereses* são aqueles cujos desenvolvimentos são marcados mais pela “atitude crítica e busca de autonomia e originalidade” (FAZIO, D.. KOSSLER, M., LÜTKEHAUS, L.. Idem, p. 132). E os *pais fundadores* envolvem, sobretudo, os presidentes da “*Schopenhauer-Gesellschaft*” (Sociedade Schopenhauer), cujo caráter de aproximação se distingue pelo aspecto mais organizacional, didático e acadêmico.

pesquisa filosófica. Com o fim de superar essa ausência, nos propomos a analisar e interpretar as considerações “desmascaradoras” que esse autor verte sobre o homem, em seus dois livros primordiais: *Psychologische Beobachtungen: Aus dem Nachlass Von *** (Observações Psicológicas: do Espólio de ***, 1875)* e *Der Ursprung der moralischen Empfindungen (A Origem dos Sentimentos Morais, 1877)*. Uma breve introdução a ambos os clássicos ignotos pode ser apresentada na sequência.

Como se estampa em seu título, *Psychologische Beobachtungen (Observações Psicológicas)* contém tanto uma aproximação conceitual como um distanciamento crítico ante Schopenhauer, ambos os quais concernem ao método e conteúdo programático da Psicologia. “*Psychologische Bemerkungen* (ou seja Notas psicológicas)” – como aponta Fazio – “é efetivamente o título de uma parte do segundo livro dos *Parerga e Paralipomena* de Schopenhauer, e de um trecho da mesma obra vem a citação de Gobineau que está no frontispício do livro de Rée: “*L’homme est l’animal méchant par excellence* (O homem é o animal malvado por excelência)”³⁰. Por outro lado, o fato da obra de Rée se chamar *Psychologische Beobachtungen* (e não *Psychologische Bemerkungen*) destaca também o caráter empírico e antimetafísico da reflexão adotada pelo autor; afinal, como é bem sabido, “*Beobachtungen*” (observações) denota o ato factual de observar (*beobachten*), enquanto “*Bemerkungen*” (notas) aceita também a conotação metafísica. O afastamento de toda e qualquer metafísica e a assunção do empiricismo são, portanto, dois caminhos que Rée assume para a sua Psicologia. Essa metodologia – em parte herdeira de Schopenhauer, pois como vimos, esse autor já tinha fundamentado a Psicologia dentro do domínio das ciências empíricas – mas em parte original e antagônica à do mestre é comentada por Fazio com as seguintes palavras:

Diferentemente de Schopenhauer, para afirmar sua visão pessimista, Rée não precisou nem de construções abstratamente metafísicas, nem de postular uma força cega e irracional como a essência numênica da realidade: foi-lhe suficiente a observação psicológica, que cotidianamente coloca diante de nossos olhos exemplos eloquentes da maldade e miséria humana³¹.

Balizado seu caminho, Rée divide *Observações Psicológicas* em seis capítulos: *Livros e escritores, As ações dos homens e os seus motivos, As mulheres, o amor e o casamento, Pensamentos diversos, Feitos religiosos e Felicidade e infelicidade*. A seu termo, o autor acrescenta um *Ensaio sobre a vaidade*, que diferentemente dos capítulos anteriores, que consistem em compilações de pequenos aforismos, tem um caráter discursivo. A opção pelo emprego de aforismos na maior parte do texto é justificada pelo pensador com o argumento de que os sistemas filosóficos facilmente condecoram grandes erros, em virtude de seus longos encadeamentos lógicos, enquanto que os aforismos evitam a e abstrusidade por serem claros e diretos. Além

³⁰ GOBINEAU. *Essai sur l'inégalité des races humaines* [1853-1855]. In: GAULMIER, J. (Org.). Paris 1981-1983, II, p. 980. Apud RÉE, P.. *Psychologische Beobachtungen*. Berlin: Carl Duncker Verlag, 1875. Disponível em: <http://books.google.com/>. P. 0. Apud SCHOPENHAUER, A.. *PP II*, §114, p. 253. Apud Fazio, Op. Cit., 2012, p. 90.

³¹ FAZIO, D.. *Introduzione*. In: RÉE, P.. *Osservazioni Psicologiche*. Trad.: D. Fazio. Lecce: Pensa Multimedia. 2010, p. 53.

disso, dada a enorme vastidão da sabedoria psicológica, “insights” curtos e breves da alma humana são aconselháveis por evitarem repetições. Com as seguintes palavras, Rée fundamenta a preferência pelo segundo estilo:

Aforismos são pensamentos concentrados que qualquer um pode expandir por si só conforme o seu próprio gosto.

Esse estilo literário é recomendável. Em primeiro lugar, porque não é muito fácil expressar uma grande estupidez de um modo breve e lacônico. Afinal, atrás de poucas palavras a tolice não consegue se esconder tão bem como de muitas. Além disso, a grande quantidade de literatura torna desejável um modo breve de expressão³².

Com uma sutil amostra de sua típica ironia, Rée abona, portanto, nas primeiras linhas de *Observações Psicológicas*, o estilo de escrita que empregará por todo o texto, salvo no ensaio derradeiro sobre a vaidade. Embora pareça excessivo insinuar que os grandes sistemas filosóficos abriguem “grandes estupidezes” por trás dos sistemas, o autor deixa claro seu respeito pelos predecessores, ao escrever, não menos polemicamente, que “grandes modelos são úteis apenas para grandes sucessores”³³. Ainda no primeiro capítulo, sua sátira oscila entre escritores e leitores, quando Rée escreve, por exemplo, o seguinte: “O autor mais significativo tem justamente o menor público”³⁴. Ou no §11, quando agrega: “Os eruditos brilham, como a lua, com uma luz refletida”³⁵. No §12, a crítica de Rée prossegue sobre os letrados: “Filólogos conhecem os livros exatamente como os conhecem o papel em que estão impressos”³⁶. E no §17, os historiadores da filosofia é que são o alvo: “O que é encontrado nas histórias da filosofia ou é o mesmo do que nos filósofos – caso em que as histórias são inúteis – ou diferente – momento em que são perniciosos”³⁷. Sequer a si próprio Rée subtrai de escárnio. Logo no §2, lemos: “O valor de um aforismo só pode ser julgado pelo seu autor depois de que esse se esqueceu dos casos concretos dos quais o aforismo foi abstraído”³⁸. Ou, de modo ainda mais impressionante, no §18, escutamos a seguinte autocrítica de toda a ciência: “Se a vaidade não existisse, nenhuma ciência até hoje teria saído do berço”³⁹. No §25, o próprio esclarecimento humano é que reconhece a sua limitação, sob a pena réalista: “O conhecimento humano se assemelha a pequenas ilhas, que, solitariamente, flutuam no mar infinito da sua ignorância”⁴⁰. Assim, entre escárnios e denúncias das mais diversas e criativas, Rée passa sua abordagem da literatura aos costumes humanos na segunda seção.

³² RÉE, P.. Op. Cit., 1875. P. 3.

³³ RÉE, P.. Idem, §8, p. 6.

³⁴ RÉE, P.. Idem, §6, p. 5.

³⁵ RÉE, P.. Idem, §11. P. 7.

³⁶ RÉE, P.. Idem, §12. P. 7.

³⁷ RÉE, P.. Idem, §17. P. 8.

³⁸ RÉE, P.. Idem, §2. P. 3.

³⁹ RÉE, P.. Idem, §18. P. 8.

⁴⁰ RÉE, P.. Idem, §25, p. 10.

No *Capítulo 2 – As ações dos homens e os seus motivos*, as observações do autor são permeadas de maneira ainda mais intensa pelo que Fazio denomina ser o “pessimismo frio e desencantado”⁴¹ réalista. Em completo acordo com a lição schopenhaueriana de que “a conduta geral dos homens entre si é caracterizada pela injustiça, deslealdade extrema, dureza e mesmo crueldade: sendo que o oposto disso aparece apenas como exceção”⁴² – o provocador acresce:

§52: Nós reclamamos de que fomos feitos maus e insensíveis pelo mundo para despertar a crença de que somos inatamente bons (...)

§91: Ao invés de dizer: ‘Ele é orgulhoso, egoísta e vaidoso’, seria mais exato dizer: ‘Se vê o seu orgulho, egoísmo e vaidade’ (...)

§112: As crianças são menos caridosas entre si do que os adultos: porque são menos dissimuladas (...)

§144: Que nós tenhamos aborrecido o outro, lamentamos muito mais raramente do que por não ter aborrecido-o suficientemente⁴³.

Não havia, de fato, uma epígrafe mais antecipatória para *Observações Psicológicas* do que a escolhida: “O homem é o animal malvado por excelência”⁴⁴. Assim, se Heráclito encontrara no combate (πόλεμος) o princípio fundamental das relações sociais⁴⁵; Hobbes definira o estado de natureza antropológico como submerso na “*bellum omnium contra omnes*”⁴⁶ (“guerra de todos contra todos”); e Schopenhauer indicara que “a Vontade crava os dentes na própria carne (...) já que nada existe exterior a ela e ela é uma Vontade faminta”⁴⁷; Rée complementa:

§99: Na vida se trata frequentemente de quem sabe como melhor lesionar o outro (...)

§138: Às vezes surge um pensamento conciliador entre dois inimigos a partir de seus ódios comuns contra uma terceira pessoa (...)

§146: As brigas de que somos testemunhas nunca são violentas o suficiente para nós (...)

§150: Os prisioneiros não são piores do que os outros homens: eles apenas fizeram cálculos piores. Consequentemente, até mesmo as suas fisionomias amiúde não contêm nada de mal (...)

§176: O desejo de angustiar o outro pode até mesmo se tornar motivo para suicídio⁴⁸.

Sinteticamente, Rée enuncia que “as ações e os acontecimentos da vida humana (...) são quase sempre causados por um número bem pequeno de instintos (*Triebe*), pelo ponto de vista interno, a saber, o instinto de conservação e aquisição (*Erhaltungs- und Erwerbstrieb*), o instinto sexual ou a vaidade”⁴⁹. Antes de Rée,

⁴¹ FAZIO, D.. *Introduzione*. Op. Cit., 2010, p. 53.

⁴² SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*, p. 578.

⁴³ RÉE, P.. Op. Cit., 1875, §52. P. 21. §91. P. 31. §112. P. 35. §144. P. 45.

⁴⁴ GOBINEAU. Op. Cit.. 1981-1983, p. 980. Apud RÉE, P.. Op. Cit.. 1875. P. 0.

⁴⁵ Assim escreve Heráclito: “Combate é o pai de todos, é o rei de todos; e ele indicou uns deuses e outros homens, a uns fez escravo, e a outros livres (...) É necessário saber que o combate é comum, e que a justiça é discórdia e que tudo vem a ser segundo a discórdia e a necessidade” (HERÁCLITO. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. In: DIELS, H.. KRANZ, W. [Org.]. Kranz. Berlin: Weidmann. 1989. P. 53 e 80. Tradução de N. Amusquivar).

⁴⁶ HOBBS, T.. *De cive I*, 12, *Leviathan I*, 13. In: HOBBS, T.. *The English Works of Thomas Hobbes*. Ed. W. Molesworth. 11 vols. London: J. Bohn, 1839–45.

⁴⁷ SCHOPENHAUER, A.. *WWV*, p. 227.

⁴⁸ RÉE, P.. Op. Cit., 1875, §99, p. 32. §138. P. 43. §146. P. 46. §150. P. 47. §176. P. 54.

⁴⁹ RÉE, P.. *Idem*. P. 48.

Schopenhauer já havia ensinado que “o tema fundamental dos diferentes atos da Vontade é a satisfação das necessidades inseparáveis da existência do corpo em estado saudável, as quais já têm nele a sua expressão e que podem ser reconduzidas à conservação do indivíduo e propagação da espécie”⁵⁰. Quase um século mais tarde, o pai da psicanálise, Sigmund Freud, concordara com Schopenhauer em sua primeira teoria dos instintos, ao identificar os instintos de autoconservação (ou de ego) e os sexuais como nossos instintos fundamentais⁵¹. No entanto, que a vaidade seja um componente indissociável da sexualidade, e pertença, portanto, ao âmago dos instintos essenciais humanos foi destacado por Rée muito originalmente. Nos seguintes aforismos, essa soberana presença do móbil vaidoso em nossos costumes é constatada pelo autor com sobriedade:

§66: Todo mundo condena os adutores. Mas ninguém pode viver sem eles.

§81: Nós desculparamos as pessoas por todos os seus méritos, menos aqueles pelos quais desejamos brilhar nós mesmos.

§114: Muitos são vaidosos em sua falta de vaidade.

§182: Às vezes sacrificamos nosso proveito pelos amigos, pois nossa vaidade acha alguma espécie de recompensa nisso. No entanto, nunca sacrificamos nossa própria vaidade (reputação, popularidade, honra como pessoas nobres, etc.) por eles, mas estamos muito mais propensos a sacrificar eles por nossa vaidade.

§193: Toda pessoa considera suas próprias carências como falhas de suas virtudes, mas os méritos que concede aos demais, sempre como benefícios de seus vícios⁵².

Muitos outros vícios são desvendados pelo autor por trás de seus aparentes opostos. Após estender seu desvelamento crítico às mulheres, ao amor e ao casamento, e a dilatar-se em pensamentos diversos, o filósofo radicaliza, no quinto capítulo, o ateísmo e a antirreligiosidade herdados de Schopenhauer. Logo em suas primeiras observações, Rée sintetiza: “O medo é a mãe da fé, e o hábito sua babá”⁵³. Em pleno acordo também com Kant, para quem a moral e a religião são domínios distintos e separáveis⁵⁴, o autor recorda que “fé e

⁵⁰ SCHOPENHAUER, A.. *WWV*, p. 447.

⁵¹ Essa primeira teoria dos instintos foi introduzida pelo psicanalista com as seguintes palavras: “Como disse o poeta, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados como ‘fome’ ou ‘amor’ (...) Tanto os instintos sexuais como os instintos do ego têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição (...) A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar” (FREUD, S.. *A Conceção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*. Trad.: J. Salomão. In: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2009. Vol. 11, p. 217-229). Posteriormente, Freud substituiu esse dualismo pelo dos instintos de vida e morte. Contudo, naquela sua primeira formulação, ele foi mais devedor ainda a Schopenhauer – e de passagem, a Rée – do que reconheceu.

⁵² RÉE, P.. Op. Cit., 1875. §66. P. 24. §81. P. 28. §114. P. 35. §182. P. 55. §193. P. 57.

⁵³ RÉE, P.. Idem. §411. P. 123.

⁵⁴ A independência da moral ante a religião foi defendida por Kant pioneiramente, de modo que esse autor deve ser considerado o principal ancestral do ateísmo filosófico alemão. No *Prefácio de A Religião dentro dos Limites da Simples Razão*, Kant estabelece essa tese antirreligiosa com os seguintes termos: “A moral, que assenta no conceito do homem enquanto ser livre, obrigando-se por isso mesmo, por sua razão, a leis incondicionadas, não necessita nem a ideia de outro Ser, superior a ele, para tomar conhecimento do seu dever, nem a de outro móvel que não seja o da própria lei, para observá-la” (KANT, I.. *La Religion dans les limites de la simple Raison*. Trad.: Gibelin, Vrin, Paris, 1943, p. 21. Apud PASCAL, G.. *Compreender Kant*. Trad.: R. Vier. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005, p. 188). No entanto, concordamos com Nietzsche em que Schopenhauer seja o “primeiro ateu declarado e irremovível” (NIETZSCHE, F.. *La Gaia Scienza*, tradução: S. Giannetta, Milano, 2000, § 357, p. 334-339. Apud: FAZIO, D.. Op. Cit., 2009, p. 473) da Alemanha, a cujo rigor devemos o fato de sermos “herdeiros da mais longa e valiosa autossuperação da Europa”. Na herança de Kant, portanto, e de Schopenhauer, é que insere o ateísmo e anticlericalismo de Rée.

incredulidade não são qualidades morais, mas opiniões”⁵⁵; e provoca, na sequência: “Geralmente a fé religiosa não vem da simplicidade do coração, mas da simplicidade da cabeça”⁵⁶. Adversário pontual de toda e qualquer religião, que, segundo seu juízo, tenta se passar por condição indispensável da ética e ordem social de modo astuto e infundado, o filósofo contesta:

- §403. Os ortodoxos odeiam os espíritos livres, pois temem ser considerados simplórios por eles.
§404. A quem Deus dá um ofício, dá também as opiniões políticas e religiosas desse ofício.
§405. A instrução religiosa nos é conferida na mesma idade em que possuímos a doença infantil (...)
§416. Não nos julgaríamos imortais se a convicção oposta fosse mais agradável (...)
§420. Somente um número pequeno de sacerdotes se ocupa mais do conteúdo (*Gehalt*) das religiões do que dos salários (*Gehälter*), e mais da justiça de Deus do que do consistório⁵⁷.

Especialmente influente sobre a filosofia contemporânea foi a designação réalista, no §403 anterior, dos antípodas da religião como os “espíritos livres”. Em *Menschliches, Allzumenschliches – Ein Büch für Freie Geister* (*Humano, Demasiadamente Humano – Um Livro para Espíritos Livres*, 1878), publicado por Nietzsche três anos depois de ele ler *Observações Psicológicas* (1875), vemos esse conceito estampado no subtítulo desse novo clássico alemão. No §36 de sua polêmica, Nietzsche compara Rée, lisonjeadoramente, aos psicólogos franceses, que esse tem assumidamente por mestres, e com isso, ilumina parte da tradição na qual ambos os textos se inserem. Com as seguintes palavras, essa referência é apresentada pelo filósofo do martelo:

La Rochefoucauld e outros mestres franceses do estudo da alma (aos quais recentemente se juntou um alemão, o autor de *Observações Psicológicas*) parecem atiradores de boa mira que acertam sempre no ponto escuro - mas no escuro da natureza humana⁵⁸.

Paul-Laurent Assoun acredita que Rée foi quem deu a “dinamite”⁵⁹ para Nietzsche escrever *Humano, Demasiadamente Humano – Um Livro para Espíritos Livres*. Em acordo com o francês, Brendan Donnellan argumenta que, “embora Nietzsche estivesse bem familiarizado com os moralistas franceses no final da década de 1860, não há nenhuma indicação em suas obras antes de *Humano, Demasiadamente Humano* (...) de qualquer ocupação com os universais da psicologia humana, que ele encontrou tão lucidamente expostos”⁶⁰ em *Observações Psicológicas*. A leitura réalista, que Nietzsche realizara nos tempos de elaboração de seu clássico libertador, “parece ter renovado seu interesse pelos pioneiros franceses da análise moral e levado-o a aprofundá-la com mais ‘insights’ modernos. O novo ponto de vista de Nietzsche em *Humano, Demasiadamente Humano*”

⁵⁵ RÉE, P.. Idem. §401, p. 121.

⁵⁶ RÉE, P.. Idem. §409. P. 122.

⁵⁷ RÉE, P.. Op. Cit., 1875, §403. P. 121. §404. P. 121. §405. P. 122. §416. P. 125. §420. P. 126.

⁵⁸ NIETZSCHE, F.. *Menschliches, Allzumenschliches*. Kindle Edition. Kindle Locations 569-571. NIETZSCHE, F.. *Humano, demasiado humano*. Trad.: P. C. de Souza. Companhia das Letras. Kindle Edition. Kindle Locations 584-586.

⁵⁹ ASSOUN, P-L.. *Nietzsche et le Réalisme*. In: RÉE, P.. *De l'origine des sentiments moraux*. Org.: P-L. Assoun. Trad.: M-F Demet. Paris: Presses Universitaires de France, 1982, p. 6. Apud FAZIO, Op. Cit., 2010, p. 13.

⁶⁰ DONNELLAN, B.. Friedrich Nietzsche and Paul Rée: Cooperation and Conflict. In: *Journal of the History of Ideas*. Vol. 43, No. 4 (Oct. - Dec., 1982). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2709345>. P. 595.

– conclui Donnellan – “de ceticismo inflexível (*uncompromising skepticism*) e repúdio pela metafísica idealista (que influenciou seus primeiros trabalhos) foram o produto de um processo de gestação de dois anos”⁶¹.

No *Capítulo VI – Felicidade e infelicidade* de *Observações Psicológicas*, o pessimismo de Rée já se aproxima da maneira mais nodal do de Schopenhauer, cujo pilar fundamental é a tese de que o prazer consiste em um sentimento breve e módico, e a felicidade, em uma ilusão negativa⁶². Lúcidas percepções dessa tragicidade de nossa natureza são apresentadas pelo autor nos seguintes aforismos:

§428. A cabeça destrói nossas ilusões, mas o coração sempre as constrói novamente (...)

§440. Aqueles que são os mais invejados são, justamente, os menos invejáveis.

§441. Nossas esperanças nos agradam por todo o tempo em que não são realizadas (...)

§443. Somos infelizes porque não estamos na posse do objeto a que aspiramos; isso, porém, é suportável.

Somos infelizes porque a posse do objeto a que aspiramos não nos torna felizes – isso já é insuportável (...)

§446. Quem não temeria o futuro, se aceitasse que o mesmo se parecerá com o passado? (...)

§462. No lugar de cada preocupação aniquilada nasce, como na cabeça da Hydra, sempre novas preocupações. No entanto, sempre acreditamos que seremos felizes depois da eliminação dos incômodos até agora existentes⁶³.

No *Ensaio sobre a Vaidade*, a teoria de que esse último sentimento se enraíza no âmago da humanidade é defendida por Rée no único texto discursivo desse livro, e assim, mais aparentado aos moldes da filosofia tradicional. Em suas palavras inaugurais, o autor circunscreve o que entende ser “o problema da existência da vaidade”⁶⁴, a saber, o fato de possuímos uma forte *necessidade* de admiração e ausência de desprezo da parte de terceiros, que, mais do que mero *meio* à obtenção de vantagens alheias ou evasão de desvantagens, de cunho egoístas, configura um *fim em si mesmo* (tanto quanto a maldade gratuita ou, na outra ponta da diversidade moral do agir humano, a autêntica compaixão). Com as seguintes palavras essa idiosincrasia humana, que urge por uma consideração mais detida da Psicologia, é destacada pelo filósofo:

⁶¹ DONNELLAN, B.. Ibidem.

⁶² O pessimismo de Schopenhauer se assenta, principalmente, sobre a tese de que a felicidade e o prazer são negativos, no sentido em que consistem na eliminação da carência, dor e insatisfação, as quais, unicamente, se apresentam originalmente e são, portanto, positivas. Essa teoria foi exposta pelo pensador da maneira mais categórica no §58 de *O Mundo...*, que se inicia com o seguinte argumento: “Toda satisfação, ou aquilo que comumente se chama felicidade, é própria e essencialmente falando apenas negativa (...) Não se trata de um contentamento que chega a nós originariamente, por si mesmo, mas sempre tem que ser a satisfação de um desejo; pois o desejo, isto é, a carência, é a condição prévia de todo prazer. Eis por que a satisfação ou o contentamento nada é senão a libertação de uma dor, de uma necessidade, pois a esta pertence não apenas cada sofrimento real, manifesto, mas também cada desejo, cuja inoportunidade perturba nossa paz, sim, até mesmo o mortífero tédio que torna a nossa existência um fardo (...) Só a carência, isto é, a dor nos é dada imediatamente” (SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*, tradução: Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 411). Além dessa concepção, o pessimismo schopenhaueriano repousa ainda na perspectiva de que a “guerra de todos contra todos” está na base de nossa natureza, bem como a interpretação de que “a morte é o resultado, o resumo da vida”, pois dá “em um só golpe toda a lição que a vida dá em partes e isoladamente”, a saber, a de que “todo o esforço é vão, frívolo e autocontraditório; e que o retorno do mundo só pode ser encarado como uma salvação” (SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*, p. 817).

⁶³ RÉE, P.. Op. Cit., 1875, §428. P. 131. §440. P. 135. §441. P. 135. §443. P. 136. §446. P. 137. §462. P. 141.

⁶⁴ RÉE, P.. Op. Cit., 1875. P. 150.

Por duas razões não é indiferente ao homem se os demais o tomam por bom ou mau, inteligente ou tolo, belo ou feio, pobre ou rico, amigável ou hostil:

1) Porque o homem é interesseiro (*eigennützig*), e assim, espera obter vantagens de uma boa opinião, e receia contrair desvantagens de uma má opinião.

2) Porque ele também é vaidoso (*eitel*), de modo que uma boa opinião (isto é, a de ser agradável, admirável e invejável) lhe é em si mesmo deleitável, e a má opinião (ou seja, a de ser brusco, ridículo, desconfiável ou desprezível), é por si só amargosa⁶⁵.

De modo global, Fazio sintetiza os seis capítulos de *Observações Psicológicas* com as seguintes e precisas palavras:

O homem é o animal malvado por excelência e as suas ações estão marcadas sempre por egoísmo, conformismo, inveja e vaidade. O amor é um sentimento muito raro e o matrimônio quase sempre é mantido pela conveniência e o medo do escândalo. A religião é um instrumento de controle social e os padres não são mais que simuladores, alguns inconscientes, mas a maioria consciente. A felicidade é uma ilusão destinada a se esvaír muito rapidamente. Ninguém ama a vida racionalmente e o pior que pode acontecer a alguém que tem o passatempo de refletir sobre a vida é encontrar tempo para fazê-lo⁶⁶.

Mais densamente ainda, Small resume que “o tema principal que corre através de *Observações Psicológicas* é o predomínio dos motivos ocultos nas ações humanas e a hipocrisia da maioria das pretensões de virtude moral”⁶⁷. Se Small estiver correto, portanto, veremos que Rée antecipa, além de Nietzsche e ainda no campo da Psicologia, outro grande autor, a saber, Freud, em sua descoberta capital de “representações mentais inconscientes”⁶⁸. Conforme Günter Götde, a “tradição filosófica do inconsciente irracional-instintivo esteve integrada desde o início na metapsicologia freudiana como um elemento e pressuposto basilar seu, e nela habitou posteriormente, e de modo latente”⁶⁹. Sendo assim, se Rée contribui à revelação dos motivos acaçapados do agir humano, ele também merece ser computado nas raízes filosóficas desse campo revelador da Psicologia, vale dizer, a psicanálise.

Dois anos depois de publicar *Observações Psicológicas*, Rée dá à luz um novo livro, dedicado, agora, ao campo da Ética: *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen (A Origem dos Sentimentos Morais, 1877)*. Em

⁶⁵ RÉE, P.. Op. Cit., 1875. P. 149.

⁶⁶ FAZIO, D.. Introduzione. Op. Cit., 2010, p. 53.

⁶⁷ SMALL, R.. Translator's Introduction. In: RÉE, P.. *Basic Writings (International Nietzsche Studies)*. Trad. e Org.: SMALL, R.. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press. Kindle Edition. 2003. Kindle Location 245.

⁶⁸ Em uma carta a K. Abraham, Freud equiparou a descoberta do primado do inconsciente sobre o consciente à “terceira ferida no narcisismo da humanidade” (precedida apenas pela refutação de Copérnico da centralidade da Terra no universo, e pela demonstração darwiniana da descendência humana dos macacos. Cf. FREUD, S.. ABRAHAM, K.. *Briefe 1907-1926*. In: VON HILDA, C.. FREUD, E. L. [Org.]. Frankfurt am Main, 1965. Carta datada de 25/3/1917, p. 237), e admitira que Schopenhauer o antecipara nesse desvelamento. Se Rée, portanto, puder ser considerado um schopenhaueriano herege e contribuinte do “desmascaramento” dos motivos latentes das ações humanas, ele merecerá ser reconhecido entre os dois gigantes anteriores na autoria dessa ferida fundamental ao amadurecimento do esclarecimento.

⁶⁹ GÖTDE, G.. Freuds ‘Entdeckung’ des Unbewussten und die Wandlungen in seiner Auffassung. In: BUCHHOLZ, M.. GÖTDE, G. (Org.). *Macht und Dynamik des Unbewussten*. Berlin: Psychosozial Verlag. 2011, p. 350-351.

sua introdução, o escritor define que “a filosofia moral se ocupa das ações humanas”⁷⁰, e em especial, dos fenômenos morais, como bom, mal, remorso, justiça, castigo e etc.. Que esses fenômenos nunca tenham sido explanados, anteriormente, em uma perspectiva empírica e de acordo com a ciência natural de Darwin que nessa tarefa consista o principal escopo da Ética, é o que o autor argumenta introdutoriamente e com as seguintes palavras:

Esses fenômenos morais [bom, mal, justiça, etc.] foram considerados frequentemente como algo suprassensível – como a voz de Deus, como dizem os teólogos. Até mesmo Kant, que em seu escrito *A Religião nos Limites da Simples Razão* negou decisivamente a comunicação entre esse e outro mundo, que a igreja chama de revelação, e que além disso na *Crítica da Razão Pura* demonstrou ser impossível o conhecimento do transcendente, dado que nosso poder de conhecimento só tem vigor dentro do espaço e do tempo – Até mesmo Kant viu na consciência moral algo de transcendente, de certo modo, uma revelação do mundo transcendente. Sem dúvida alguma, antes de que a teoria da evolução tivesse aparecido, muitos desses fenômenos não podiam ser explanados a partir de causas imanentes, e decerto uma elucidação transcendente era muito mais satisfatória, - do que nenhuma. Agora, porém, desde que Lamarck e Darwin publicaram seus escritos, os fenômenos morais podem ser reconduzidos às suas causas naturais, tão bem como os fenômenos físicos: o homem moral não se encontra mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico.

Esse esclarecimento natural repousa principalmente na seguinte frase:

Os animais superiores se desenvolveram, por meio da seleção natural, dos inferiores, e os homens dos macacos⁷¹.

Em *A Origem dos Sentimentos Morais*, Rée se propõe a apresentar, portanto, uma genealogia empírica e naturalista dos conceitos de bom e mal, consciência moral (*Gewissens*), castigo, senso de justiça e vaidade; além de dissertar sobre a natureza da responsabilidade, liberdade do querer, progresso moral e relação entre a bondade e a felicidade. No *Capítulo 1 – A origem dos conceitos de bom e mau (gut und böse)*, o filósofo parte da constatação da existência de dois grupos fundamentais de instintos no homem: os instintos egoístas e os não egoístas. De acordo com o primeiro grupo, o homem “persegue seu próprio bem, e antes de tudo: 1) sua preservação, 2) satisfação do anseio sexual e 3) satisfação da sua vaidade”⁷². Conforme os instintos não egoicos, o autor diferencia que “o homem torna o bem estar do outro o motivo último de seu agir, quando promove o bem alheio, em nome exclusivamente do interesse alheio, ou quando se abstém de prejudicá-lo, em nome, novamente, de seu interesse (do outro)”⁷³. Após comentar outros aspectos secundários do conceito e limite de ambas as classes instintivas, Rée decide deter-se na questão da possibilidade do segundo agir, tradicionalmente denominado por “compassivo, benevolente e caridoso”⁷⁴. Segundo o alemão, é, como sempre, digna de atenção a explanação metafísica de Schopenhauer de que o espaço e o tempo são formas do fenômeno, e não da coisa

⁷⁰ RÉE, P.. *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen*. Chemnitz: Verlag Von Ernst Schmeitzner, 1877. Disponível em: <http://books.google.com/>, P. 7.

⁷¹ RÉE, P.. Idem, p. VII-VIII.

⁷² RÉE, P.. Idem. P. 1.

⁷³ RÉE, P.. Idem. P. 2.

⁷⁴ RÉE, P.. Idem.

em si mesma, de modo que a pluralidade dos indivíduos existe apenas a partir da visão fenomênica do mundo (*principium individuationis*), enquanto a coisa em si (a Vontade) é una, eterna e livre. Conforme o metafísico, o agir compassivo se origina do fato de que a vontade de um indivíduo que se reconhece na vontade de outro é, portanto, sempre uma só e a mesma. “Mais simples”⁷⁵, porém – compara Rée – é a explanação de Darwin, que leva em consideração a história da origem do agir compassivo, e que pode ser sintetizada nos seguintes termos:

O instinto social se encontra em nossos antepassados, os macacos, assim como em muitas outras espécies de animais, tais como nas abelhas e formigas. ‘Muito forte (afirma Brehm, *Thierleben I*, p. 19) é a afeição mútua dos membros de uma tribo (de chimpanzés)’. Esse instinto social surge como uma extensão do instinto paterno, e depois é mantido e fortalecido pela seleção natural da seguinte maneira: as espécies cujos membros se uniam da forma mais estreita possível, graças ao instinto social, suplantaram as demais espécies e permaneceram como restantes. Como o homem se desenvolveu do macaco, ele tem, conseqüentemente, o instinto de também se preocupar com outros homens (em primeiro lugar, os da sua própria sociedade). Quem possui esse instinto se sentirá alegre com o fato de que outros sejam felizes (felicidade comunitária [*Mitfreude*] e não egoística), e sofrerá com que outro sejam infelizes (compaixão [*Mitleid*] não egoística)⁷⁶.

Após introduzir a interpretação darwiniana no debate filosófico sobre a origem do não-egoísmo, Rée coloca uma nova dúvida, que pode ser resumida assim: por que o agir não-egoísta é avaliado como moralmente bom (*moralisch gut*) e louvável (*lobenswerth*), enquanto o agir egoístico é tomado por moralmente mau (*moralisch schlecht*) e desprezível (*tadelnswerth*), tanto pela opinião popular quanto pela poesia? Dessa questão, o filósofo se ocupa no restante do primeiro capítulo; e a sua resposta pode ser sintetizada assim: “O homem é absolutamente egoísta, o que faz com que os membros de um grupo de macacos não se confrontem tão hostilmente entre si como os membros de uma comunidade humana”⁷⁷.

Em termos mais claros, a rivalidade inigualável dos homens entre si decorre do fato de sermos muito mais complexos e insaciáveis do que nossos irmãos primatas. Os chimpanzés – exemplifica o autor – necessitam apenas de comida, bebida, proteção e reprodução, enquanto, no homem, essas necessidades já alcançam um grau muito mais delicado, uma vez que também somos movidos por vaidade, inveja, maldade, preocupação com o distante, o passado e o futuro, ambição de acúmulo do máximo de propriedade possível, e etc.. Todos esses móveis praticamente inexistem nos demais animais, de modo que o homem empurra seus instintos não egoicos para segundo plano, e “a verdadeira amizade, como a de Orestes e Pílates, passa a pertencer ao mito”⁷⁸. Com o desenvolvimento da razão, Rée explana que também se fortaleceu o poder do acúmulo material e a troca comercial humana, de modo que se incrementaram ainda mais a ambição, a inveja e o conflito desse animal. A solução elaborada pelas primeiras sociedades à necessidade de moderação da guerra

⁷⁵ RÉE, P.. Idem. P. 7.

⁷⁶ RÉE, P.. Idem. P. 7 e 8.

⁷⁷ RÉE, P.. Idem. P. 12.

⁷⁸ RÉE, P.. Idem. P. 13.

de todos contra todos e à garantia da propriedade privada foi a punição. Sendo assim, “essas duas formas de egoísmo, 1) o medo do castigo, 2) a troca do produto laboral, possibilitaram que uma determinada estirpe vencesse como uma comunidade estatal (*staatlich*)”⁷⁹. Nesses tempos auroreais da civilização, o autor conjectura que “aqueles homens que eram úteis aos membros da sua comunidade e que se abstinham de lhes trazerem prejuízo foram denominados bons, independentemente dos motivos a partir dos quais agiam”⁸⁰. Posteriormente, percebeu-se, e ainda mais sutilmente, que as ações úteis à comunidade feitas apenas por egoísmo eram muito mais voláteis do que as movidas por autêntica compaixão e não egoísmo. À medida que essa compreensão penetrou no juízo coletivo, o autor esclarece que a distinção entre homens bons e maus passou a ser valorizada menos pela utilidade das *consequências* de suas condutas, e mais por sua *motivação* “*a priori*”. Semelhante refinamento nos critérios da avaliação moral do agir humano marcou, portanto, a transição do emprego de “bom” e “mau” de seu lado *passivo* (isto é, de acordo com a utilidade imediatamente *recebida* das pessoas e ações pela comunidade) ao *ativo* (ou seja, conforme a melhor utilidade que as mesmas trazem à sociedade, conforme a derradeira origem de sua motivação). Esse desenvolvimento do juízo moral humano é iluminado pelo autor com as seguintes palavras:

Quando alguém se priva de prejudicar o outro por causa do medo, a paz é forçada, externa, e só existe, portanto, na superfície (...) Do mesmo modo, quando alguém promove o bem alheio apenas como um mero meio para um fim, isto é, visando tão só seu proveito próprio, esse fomento é acidental e incerto (...) Pelo contrário, quando todos se privam de prejudicar o outro não a partir do medo, mas em nome da própria vontade alheia, a paz não é imposta desde fora e artificialmente, mas vem, deveras, de dentro. Não se extinguem meramente as ações hostis com essa última disposição, mas todos os sentimentos hostis, como por exemplo, a inveja e o ódio. O caráter (*Gesinnung*) mesmo se torna pacífico e a paz se alastra plenamente (...)

Quando os homens comparam esse estado anterior, no qual todos oferecem ajuda aos demais em nome apenas de interesses alheios, com o estado existente e real, no qual todos se sentem levados à lesão de outrem. E além disso, quando os homens sentem que o agir não egoísta é o único meio pensável de extinção do estado atual de inimizades, os homens qualificam aquele estado [de comportamento não egoísta] de desejável, louvável, - bom⁸¹.

Em outras palavras, Rée entende que “o não egoísmo jamais teria sido acentuado como o bom, se o existente e real fosse o desejável, e desde sempre tivesse sido; isto é, se o não egoísmo fosse no homem tão forte como o egoísmo, e se pertencesse à natureza humana a preocupação com o outro na mesma medida do que consigo próprio”⁸². Para que o não egoísmo pudesse ser exaltado como bom – resume o autor – foi necessária a prévia existência “do mau (egoísmo): em oposição a ele, ao indesejável, é que o não egoísmo é superestimado, louvável, bom”⁸³. Prezado originalmente por sua utilidade e pelo fato de nos “trazer para mais perto de um

⁷⁹ RÉE, P.. Idem. P. 14-15.

⁸⁰ RÉE, P.. Idem. P. 14-15.

⁸¹ RÉE, P.. Idem. P. 15-16.

⁸² RÉE, P.. Idem. P. 16

⁸³ RÉE, P.. Idem. P. 17.

estado de maior felicidade”⁸⁴, as pessoas se habituaram com esse juízo, e se esqueceram da sua origem, de modo que, hoje, nós louvamos o bom (não egoísmo) “não mais por causa das suas consequências utilitárias, mas antes ele nos parece louvável em si e por si mesmo, independentemente de todas as suas consequências”⁸⁵.

Na sequência do livro, Rée dirige esse mesmo projeto de genealogia histórica, empírica e “desmascaradora” a outros conceitos clássicos da Ética (consciência moral, responsabilidade, liberdade de querer, e etc.). Assim como na Psicologia, o método empregado por Rée nesse campo é o “científico e naturalístico”, nas palavras de Fazio, “acoplado com uma intenção genealógica de inspiração positivista, ‘immanentista’ e antimetafísica”⁸⁶. Uma supervisão muito didática apresentada pelo italiano dos princípios morais expostos por Rée em *A Origem dos Sentimentos Morais* pode ser citada seguir:

As premissas da pesquisa de Rée podem ser explicitadas assim: longe de serem quaisquer absoluto ou eternidade, ligados ao mundo da transcendência, os fenômenos morais, paralelamente aos fenômenos biológicos observados por Lamarck e Darwin, são produtos da evolução histórica. Do filósofo moral se espera, portanto, a tarefa de identificar e isolar esses fenômenos, e conseqüentemente, estudar as suas gêneses com o método científico e naturalístico. Se trata, efetivamente, de pressupostos de claros contornos positivistas, immanentistas e antimetafísicos: negar a origem transcendental, o absoluto e a eternidade dos conceitos morais significa, de fato, relativizá-los e ‘historicizá-los’⁸⁷.

Em uma carta a E. Schmeitzner, Nietzsche elogiou *A Origem dos Sentimentos Morais* como um trabalho que aborda a ética humana, “com um método tão radicalmente novo e rigoroso que provavelmente significará uma transformação decisiva na história da filosofia moral”⁸⁸. Em *Humano, Demasiado Humano*, Nietzsche já avaliou que a tese principal do livro de Rée se encontra condensada na proposição de que “o homem moral não se encontra mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico”⁸⁹. Conforme o materialista, essa conclusão antimoralista em sentido metafísico é da mais alta importância, uma vez que poderá conduzir o homem à libertação de suas necessidades metafísicas (e concentração de seu cuidado nas carências físicas). Que essa transformação iluminará o caminho retilíneo à felicidade já é uma aposta que Nietzsche não arrisca fazer, mas, que sua proposta seja ousada, bem dotada, criativa e arrepiante, o autor sugere com as seguintes palavras:

⁸⁴ RÉE, P.. Idem.

⁸⁵ RÉE, P.. Idem..

⁸⁶ FAZIO, D.. *Paul Rée – Un Profilo Filosofico*. Op. Cit., 2003, p. 82.

⁸⁷ FAZIO, D.. *Paul Rée – Un Profilo Filosofico*. Op. Cit., 2003, p. 82.

⁸⁸ NIETZSCHE, F.. *Epistolario 1875-1879*. Op. Cit., 1976. Carta n. 580 a E. Schmeitzner, Sorrento, 18 de dezembro 1876, p. 188.

Apud FAZIO, D.. *Paul Rée – Un Profilo Filosofico*. Op. Cit., 2003, p. 82.

⁸⁹ RÉE, P.. Idem, p. VII-VIII.

Qual a principal tese a que chegou um dos mais frios e ousados pensadores, o autor do livro *Sobre a origem dos sentimentos morais*, graças às suas cortantes e penetrantes análises da conduta humana? "O homem moral" — diz ele — "não está mais próximo do mundo inteligível (metafísico) que o homem físico". Esta proposição, temperada e afiada sob os golpes de martelo do conhecimento histórico, talvez possa um dia, em algum futuro, servir como o machado que cortará pela raiz a "necessidade metafísica" do homem — se para a bênção ou para a maldição do bem-estar geral, quem saberia dizê-lo? — mas, em todo o caso, como uma tese das mais graves consequências, simultaneamente fecunda e horrenda, e olhando para o mundo com aquela dupla face que possuem todos os grandes conhecimentos⁹⁰.

Conforme Lou Andres Salomé, Rée não possuía a “riqueza espiritual, artística, filosófica e religiosa de Nietzsche; no entanto, entre ambos os amigos, ele era o dono da mente mais acurada”⁹¹. Já citamos anteriormente a metáfora de P-L. Assoun de que Rée dera a “dinamite”⁹² para Nietzsche escrever *Humano, Demasiadamente Humano*. Essa interpretação também foi endossada por B. Machado, para quem, “anos antes, Rée já esboçara o curso tomado por *Humano Demasiado Humano I*: os eventos morais são interpretados através de sua evolução histórica, de acordo com a constituição psicológica (...) Rée foi um marco crucial para Nietzsche”⁹³ – assevera o autor – “tanto no campo intelectual quanto no campo sentimental”⁹⁴. Que a obra

⁹⁰ NIETZSCHE, F.. *Humano, demasiado humano*. Trad.: P. C. de Souza. Companhia das Letras. Kindle Edition. Kindle locations 604-610. RÉE, P.. Op. Cit.. 1877, p. VII-VIII. Apud NIETZSCHE, F... *Menschliches, Allzumenschliches I*. Urheberrechtsfreie Ausgabe. Kindle Edition. Disponível em <http://www.amazon.de/Menschliches-Allzumenschliches-Friedrich-Wilhelm-Nietzsche-ebook/dp/B004SIZ0NM>. Kindle Locations 592-593. O termo “necessidade metafísica”, empregado por Nietzsche nessa citação, é uma referência explícita a Schopenhauer, que no *Capítulo 17 – Sobre a Necessidade Metafísica dos Seres Humanos de O Mundo... – Tomo II*, definiu o homem como o “*animal metaphysicum*” (SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*, p. 208). Conforme Schopenhauer, o homem é o único ser de toda a natureza que, além de necessidades físicas, também possui necessidades metafísicas. Essas se originam, sobretudo, da consciência do homem da morte, miséria e efemeridade da existência – a qual apenas ele também possui. As “fortes e inextirpáveis” carências metafísicas, segundo Schopenhauer, forçam-no a criar “grandiosas e esplendorosas” religiões e filosofias, às quais o homem não dedica menos temo do que às necessidades físicas (Cf. CACCIOLA, M. L.. *A Morte, Musa da Filosofia*. In: Grupo de Filosofia Crítica e Modernidade [Org.]. *Cadernos De Filosofia Alemã*. Nº 9. São Paulo: Editora da FFLCH / USP. Jan-Jun 2007. P. 91 – 107). Segundo Schopenhauer, a religião e a filosofia diferem entre si, sobretudo, pelo fato de que a primeira possui sua “certificação fora de si mesma”, pois apela à fé, revelação, ameaças e etc., enquanto a filosofia encontra sua autenticação “em si mesma”, uma vez que depende do pensamento e da convicção (SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*. P. 212). De modo conectado com isso, o pensador acrescenta que a filosofia tem o compromisso de sustentar um discurso verdadeiro, “*sensu stricto et proprio*”, ao passo que a religião deve apenas “transmitir a verdade ‘*sensu allegorico*’ (em sentido figurado)” (SCHOPENHAUER, A.. *Idem*. P. 215). Essas diferenças à parte, o pensador entende que a filosofia e a religião perseguem o mesmo fim, a saber, prover um antídoto, “remédio ou ao menos uma compensação” (SCHOPENHAUER, A.. *WWV II*, p. 591) à dor pela finitude, miséria e “vanidade” da vida. Em vista desses propósitos fundamentais, caso aceitemos a apreciação de Nietzsche de que *A Origem dos Sentimentos Morais*, de Rée, prepara o homem à extirpação de suas necessidades metafísicas, concluiremos que Rée oferece ao homem o caminho do objeto mais procurado de todas as religiões e filosofias: a abolição da preocupação metafísica.

⁹¹ ANDRES-SALOME, L.. *Friedrich Nietzsche*. Edição italiana: E. Donaggio e D. M. Fazio. Milão, 2009, p. 93. Apud FAZIO, Op. Cit., 2010, p. 15.

⁹² ASSOUN, P-L.. *Nietzsche et le Réalisme*. In: RÉE, P.. *De l'origine des sentiments moraux*. Org.: P-L. Assoun. Trad.: M-F Demet. Paris: Presses Universitaires de France, 1982, p. 6. Apud FAZIO, Op. Cit., 2010, p. 13.

⁹³ MACHADO, B. M.. *A Psicologia em “Humano Demasiado Humano”*: Nietzsche, Paul Rée e a História Natural da Moral. Tese de Doutorado. Campinas: Editora da Unicamp. 2013. P. 196 e 237.

⁹⁴ MACHADO, B. M.. *Idem*. P. 196 e 237. A propósito da famosa amizade entre Rée e Nietzsche, ambos se conheceram na Basileia, no verão de 1873, por intermédio de um amigo em comum, H. Romundt. Então professor de filologia clássica na Universidade de Basileia, Nietzsche expressou sua admiração colhida do primeiro contato com Rée com as seguintes palavras: “Aqui veio passar o verão um amigo de Romundt, uma pessoa muito reflexiva e dotada, um schopenhaueriano chamado Rée” (NIETZSCHE. *Epistolario 1869 – 1874*. Op. Cit. 1976. Carta n. 307 a E. Rohde, Basileia, 5 de maio de 1873, p. 454). Dois anos depois do início desse compadrio, Rée publicou anonimamente *Observações Psicológicas: do Espólio de **** (1875), que Nietzsche identificou como sendo de seu amigo, e lhe escreveu, revelando ter “muito aproveitado” o livro, e ter, inclusive, pedido ao editor E. Schmeitzner por novos

réalista seja “autônoma, original, e para além do problema de sua influência recíproca sobre Nietzsche, se inclua na história da filosofia moral do século XIX, e (...) no interior da assim denominada ‘escola de Schopenhauer em sentido lato’”⁹⁵ – foi defendido solidamente por Fazio. E por fim, Small também argumenta que “Rée possui seu próprio direito como escritor e pensador (...) genuíno”⁹⁶, pois, em primeiro lugar, foi “pioneiro na aplicação da teoria darwinista da seleção natural na psicologia moral”⁹⁷, e em segundo, porque “tentou continuar a tradição dos moralistas franceses de expressar ‘insights’ sobre a natureza humana em uma forma ‘aforística’”⁹⁸.

Inspirados nas apreciações dos autores anteriores, nos propomos a contribuir ao aprofundamento da compreensão e disseminação da filosofia de Rée com uma investigação centrada em sua crítica “desveladora” da ética e psicologia humanas, condensada em *Observações Psicológicas e A Origem dos Sentimentos Morais*. Inobstante os textos posteriores de Rée, a saber, *Die Entstehung des Gewissens (A Origem da Consciência, 1885)*, *Die Illusion der Willensfreiheit (A Ilusão da Liberdade da Vontade, 1885)*, e *Philosophie (Filosofia, 1903)*, também sejam importantes à assimilação de seu pensamento, concordamos com Small em que seus dois primeiros livros sejam os mais recomendáveis à introdução no pensamento desse autor; como é justificado a seguir pelo britânico:

Observações Psicológicas e A Origem dos Sentimentos Morais incluem todos os temas principais do pensamento de Rée, e expõem os variados estilos – ‘aforístico’ e ensaístico – de sua escrita. Seus diversos livros posteriores apenas revisitam o mesmo território, ampliando os tratamentos anteriores e adicionando pouco em termos de novas ideias ou mesmo expressões. Além disso, para qualquer um interessado no pensamento de Nietzsche, são essas duas obras cujas leituras são essenciais pela luz reveladora que jogam sobre o desenvolvimento filosófico nietzschiano⁹⁹.

livros seus. Esse último pedido foi justificado pelo professor com os seguintes termos: “Eu disse isso porque uma das coisas que não gostei do seu livro foi a última página, onde são listados as obras de Eduard Von Hartmann. O livro de um pensador nunca deve fazer referência ao de um pseudopensador” (NIETZSCHE, F.. *Kritische Gesamtausgabe: Briefwechsel [KGB] II / 5*. In: COLLI, G. e MONTINARI, M. [Org.]. 24 Vol.. Berlim: Walter de Gruyter, 1975-84. Carta de 22 de outubro de 1875, p. 122-123). Passada uma década de frutífero companheirismo, Nietzsche e Rée escandalizaram a sociedade ao batizar o vínculo formado entre eles e a intelectual Lou Salomé de “trindade de espíritos livres”. O amor triangular surgido entre os três, contudo, durou poucos meses, e funcionou como um solvente na relação de ambos os varões. Em parte catalisado ainda pela influência negativa da irmã de Nietzsche, e em parte pela própria rivalidade de ambos os homens pela atenção de Salomé, deu-se o rompimento definitivo entre os dois amigos em meados de 1883, de modo que a rivalidade então surgida foi cristalizada em seus textos. Concordamos, porém, com Fazio em que Rée merece muito mais atenção por sua filosofia e saga de vida do que pelo fato de ter sido o terceiro amigo de Nietzsche e Salomé (Cf. FAZIO, D.. Op. Cit.. 2012. P. 88-90).

⁹⁵ FAZIO, Op. Cit., 2010, p. 17.

⁹⁶ SMALL, R.. Op. Cit.. 2003. Kindle Position 84.

⁹⁷ SMALL, R.. Idem.

⁹⁸ SMALL, R.. Idem.

⁹⁹ SMALL, R.. Idem. Kindle Position 84-98.

Caso essa investigação venha a ser desenvolvida, não ficaremos surpresos se, a seu termo, formos levados a aquiescer a imagem desencantada do autor de que “*L’homme est l’animal méchant par excellence*”¹⁰⁰ (o homem é o animal malvado por excelência), e de que “o homem moral não se encontra mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico”¹⁰¹.

III. Resultados Esperados

Esse projeto se propõe a contribuir à autocompreensão ética e psicológico-filosófica do ser humano contemporâneo. Entre as diversas assimilações que ele visará, se encontra o discernimento do predomínio dos “motivos ocultos nas ações humanas” – parafraseando, novamente, Small – e da preponderância da “hipocrisia da maioria de nossas pretensões de virtude moral”¹⁰². Outras duas educações que esse projeto buscará nutrir consistem na sabedoria de que “o homem seja o animal pérfido por excelência”, e de que “o homem moral não se encontra mais próximo do mundo inteligível do que o homem físico”¹⁰³, conforme P. Rée.

IV. Desafios Científicos e Tecnológicos e os Meios e Métodos para Superá-los

A natureza filosófica desse projeto exige o emprego de procedimentos hermenêuticos, ou seja, análise e interpretação de textos da literatura primária e secundária. Entre os primeiros, se incluem *Psychologische Beobachtungen* (1875) e *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen* (1877); aos quais se acrescentam, embora sem a mesma ênfase, *Die Entstehung des Gewissens* (1885), *Die Illusion der Willensfreiheit* (1885) e *Philosophie* (1903). Na literatura secundária, priorizaremos os trabalhos de Lou Andreas-Salomé, Hubert Treiber, Ludger Lütkehaus, Domenico Fazio, Robin Small, Paul-Laurent Assoun, entre outros autores, sobre o tema proposto. Todos os textos serão lidos no original, e vertidos ao português com o amparo de traduções confiáveis. Além disso, nos propomos a conduzir ou auxiliar na direção de cursos sobre assuntos tangentes a esse projeto, no nível de graduação ou pós-graduação, pois acreditamos que o debate é imprescindível à polifonia filosófica e comunicativa.

¹⁰⁰ GOBINEAU. Op. Cit.. 1981-1983, p. 980.

¹⁰¹ RÉE, P.. Op. Cit.. 1877, p. VII-VIII.

¹⁰² SMALL, R.. Translator’s Introduction. In: RÉE, P.. *Basic Writings (International Nietzsche Studies)*. Trad. e Org.: SMALL, R.. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press. Kindle Edition. 2003. Kindle Location 245.

¹⁰³ RÉE, P.. Op. Cit.. 1877, p. VII-VIII.

IV. Cronograma

- 1ª Semestre de 2017: Tradução e Comentário de *Psychologische Beobachtungen*.
- 2ª Sem./2017: Tradução e comentário de *Der Ursprung der Moralischen Empfindungen*. Projeto de estágio de pesquisa na Europa ou América do Norte (opções de orientação a serem discutidas com o[a] orientador[a]: Profs. Drs. Matthias Kossler, da Universidade de Mainz, Christoph Asmuth, da Universidade Humboldt de Berlim, Domenico Fazio, da Università degli Studi del Salento, e Jorah Dannenberg, da Universidade de Stanford).
- 1ª.Sem./2018: Projeto de oferecimento de uma disciplina na graduação ou pós graduação em filosofia (carga horária: 60 horas) sobre a Ética e Psicologia “desmascaradoras” de Rée. Leitura dos demais textos de Rée, bem como de textos de comentadores, relacionados a *Observações Psicológicas* e *A Origem dos Sentimentos Morais*.
- 2ª.Sem./ 2018: Finalização de uma monografia sobre a Ética e a Psicologia “Desveladoras” de Paul Rée.

V. Disseminação e avaliação:

Nos propomos a elaborar uma monografia pós-doutoral sobre a Ética e a Psicologia “Desmascaradoras” de Rée, a se submeter a uma avaliação crítica de especialistas. Tencionamos também realizar um estágio de pesquisa na Europa ou América do Norte (opções listadas no item anterior), no qual pretendemos discutir esse trabalho com professores e grupos de estudo em um contexto internacional. Nos comprometemos a condensar e disseminar os resultados dessa investigação, anualmente, em pelo menos dois congressos, simpósios ou encontros de pesquisa e em um artigo ou tradução de peso acadêmico (nível mínimo B na avaliação da QUALIS / CAPES). E caso seja do interesse da universidade e do(a) orientador(a), nos propomos a conduzir, ou ajudar na direção de um ou mais cursos na graduação ou pós-graduação, em qualquer tema tocante a esse projeto.

VI. Bibliografia

- ANDRES-SALOME, L.. **Friedrich Nietzsche**. Org. da edição italiana: E. Donaggio e D. M. Fazio. Milão, 2009.
- ASSOUN, P-L.. Nietzsche et le Réalisme. In: REE, P.. **De l'origine des sentiments moraux**. Org.: P-L. Assoun. Trad.: M-F Demet. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- CACCIOLA, M. L.. A Morte, Musa da Filosofia. In: Grupo de Filosofia Crítica e Modernidade (Org.). *Cadernos De Filosofia Alemã*. Nº 9. São Paulo: Editora da FFLCH / USP. Jan-Jun 2007. P. 91 – 107.
- DONNELLAN, B.. Friedrich Nietzsche and Paul Rée: Co-operation and Conflict. In: *Journal of the History of Ideas*, no. 4 (Oct. 1982), p. 595– 612.
- FAZIO, D.. Introduzione. In: REE, P.. **Osservazioni Psicologiche**. Trad.: D. Fazio. Lecce: Pensa Multimedia. 2010.
- FAZIO, D.. **Paul Rée – Un Profilo Filosofico**. Bari: Palomar Athenaeum. 2003.

- FAZIO, D.. **Paul Rée: Philosoph, Arzt, Philanthrop**. Uberz. Francesca Pedrocchi. München: Martin Meidenbauer. 2005.
- FAZIO, D., KOSSLER, M., LÜTKEHAUS, L.. **La Scuola di Schopenhauer: Testi e contesti**. Lecce: Pensa Multimedia, 2009.
- FAZIO, D.. A ética na escola de Schopenhauer: o caso de Paul Rée. *Ethic@ – Florianópolis*, v. 11, n. 2, p. 87 – 98, julho de 2012.
- FREUD, S.. *Gesammelte Werke*, 17 Bände, London, 1940-1952. In: MÜLLER, Thomas (Org.). *DVD-Ausgabe – Sigmund Freud – Das Werk*. Berlin: © Heptagon Verlag, 2010.
- FREUD, S.. Studienausgabe, Taschenbuchausgabe, 10 Bände und ein Nachtragsband, Frankfurt am Main, 1982. In: MÜLLER, Thomas (Org.). *DVD-Ausgabe – Sigmund Freud – Das Werk*. Berlin: © Heptagon Verlag, 2010.
- FREUD, S.. **Obras Completas**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010-?.
- FREUD, S.. ABRAHAM, K.. **Briefe 1907-1926**. In: VON HILDA, C.. FREUD, E. L. (Org.). Frankfurt am Main, 1965.
- FREUD, S.. *A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão*. Tradução: J. Salomão. In: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2009. 24 V. Vol. 11.
- GÖDDE, G.. Freuds ‘Entdeckung’ des Unbewussten und die Wandlungen in seiner Auffassung. In: BUCHHOLZ, M.. GÖDDE, G. (Org.). *Macht und Dynamik des Unbewussten*. Berlin: Psychosozial Verlag. 2011
- HERÁCLITO. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. In: DIELS, H.. KRANZ, W. [Org.]. Kranz. Berlin: Weidmann. 1989.
- HOBBS, T.. **The English Works of Thomas Hobbes**. Ed. W. Molesworth. 11 vols. London: J. Bohn, 1839–45.
- KANT, I.. **La Religion dans les limites de la simple Raison**. Trad.: Gibelin, Vrin, Paris, 1943.
- LÜTKEHAUS, L.. **Ein Heiliger Immoralist: Paul Rée (1849-1901). Biographischer Essay**. Marburg, 2001.
- MACHADO, B. M.. **A Psicologia em “Humano Demasiado Humano”: Nietzsche, Paul Rée e a História Natural da Moral** (Tese de Doutorado). Campinas: Editora da Unicamp. 2013.
- MORAWSKI, C.. **Der Einfluss Rées auf Nietzsches neue Moralideen**. Breslau: Druck von Gottl. Korn, 1915.
- NIETZSCHE, F.. **Kritische Gesamtausgabe: Werke**. Ed.: Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 30 vols. Berlin: Walter de Gruyter, 1967–78.
- NIETZSCHE, F.. **Kritische Gesamtausgabe: Briefwechsel**. In: COLLI, G. e MONTINARI, M. (Org.). 24 Vol.. Berlin: Walter de Gruyter, 1975-84.
- NIETZSCHE, F.. **Epistolario 1875-1879**. Trad.: C. Colli Staude. Milão. 1976.
- NIETZSCHE, F.. **Menschliches, Allzumenschliches I**. Urheberrechtsfreie Ausgabe. Kindle Edition. Disponível em <http://www.amazon.de/Menschliches-Allzumenschliches-Friedrich-Wilhelm-Nietzsche-ebook/dp/B004SIZ0NM>
- NIETZSCHE, F.. **Humano, demasiado humano**. Trad.: P. C. de Souza. Companhia das Letras. Kindle Edition.
- PASCAL, G.. **Compreender Kant**. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- PFEIFFER, E.. **Friedrich Nietzsche, Paul Rée, Lou von Salomé: Die Dokumente ihrer Begegnung**. Frankfurt: Insel Verlag, 1970.
- PFEIFFER, E.. **Triangolo di Lettere. Carteggio di Friedrich Nietzsche, Lou Von Salomé e Paul Rée**. Edição italiana: M. Carpitella e G. Campioni. Milão, 1999.
- RÉE, P.. **Gesammelte Werke (1875-1885)**. In: TREIBER, Hubert (Org.). Berlin; New York: Walter de Gruyter. 2004.
- RÉE, P.. **Psychologische Beobachtungen: Aus dem Nachlass von *****. Berlin: Carl Duncker, 1875.
- RÉE, P.. **Der Ursprung der Moralischen Empfindungen**. Chemnitz: Ernst Schmeitzner, 1877.
- RÉE, P.. **Die Entstehung des Gewissens**. Berlin: Carl Duncker, 1885. Philosophie (Nachgelassenes Werk). Berlin: Carl Duncker, 1903.
- RÉE, P.. **Die Illusion der Willensfreiheit, ihre Ursachen und ihren Folgen**. Berlin: Carl Duncker, 1885.
- RÉE, P.. **Basic Writings**. Trad. e Org.: Robin Small Chicago; Urbana: University of Illinois Press. 2003.
- RÉE, P.. **Osservazioni Psicologiche**. Trad. Domenico Fazio. Lecce: Pensa MultiMedia Editore. 2010.
- SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke in fünf Bänden**. Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Suhrkamp: Stuttgart/Frankfurt am Mein, 1986.
- SCHOPENHAUER, A.. Die Welt als Wille und Vorstellung. In: SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke – Band I**. Org.: Wolfgang F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986.
- SCHOPENHAUER, A.. Die Welt als Wille und Vorstellung, Band II. In: SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke – Band I**. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986.
- SCHOPENHAUER, A.. Über die Vierfache Wurzel des Satzes vom Zureichenden Grunde. In: SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke – Band III**. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986.
- SCHOPENHAUER, A.. Die Beiden Grundprobleme der Ethik. In: SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke – Band III**. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986.

- SCHOPENHAUER, A.. Parerga und Paralipomena – Band I und II. In: SCHOPENHAUER, A.. **Sämtliche Werke – Band IV - V**. Org.: W. F. von Löhneysen. Stuttgart/Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1986.
- SCHOPENHAUER, A.. **Gesammelte Briefe**. In: HÜBSCHER, A. (Org.). Bonn: Bouvier, 1987.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação**, tradução: Jair Barboza, São Paulo: Editora Unesp, 2005. 695p.
- SMALL, R.. Translator's Introduction. In: REE, P.. **Basic Writings (International Nietzsche Studies)**. Trad. e Org.: SMALL, R.. Urbana, Chicago and Springfield: University of Illinois Press. Kindle Edition. 2003.
- SMALL, R.. **Nietzsche and Rée: A star friendship**. New York; Oxford: Clarendon Press; Oxford University Press. 2005.
- STUMMAN-BOWERT. **Malwida von Meysenburg – Paul Rée. Briefe an einen Freund**. Würzburg, 1998.
- TÖNNIES, F.. Paul Rée. In: *Das Freie Wort 4 (1904– 5)*, p. 666– 73.
- TREIBER, H.. Nachträge zu Paul Rée. In: *Nietzsche-Studien 27 (1998)*, p. 515– 16.
- TREIBER, H.. Paul Rée— Ein Freund Nietzsches. In: *Bündner Jahrbuch 29 (1987)*, p. 35– 59.
- TREIBER, H.. Zur Genealogie einer 'science positive de la morale en Allemagne': Die Geburt der 'realistischen Moralwissenschaft' aus der Idee einer monistischen Naturkonzeption. In: *Nietzsche-Studien 22 (1993)*, p. 165– 221.